

Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados.

Mateus
5:4

Aflição e tranquilidade

“Bem-aventurados os que choram” — disse-nos o Senhor — , contudo, é importante lembrar que, se existe aflição gerando tranquilidade, há muita tranquilidade gerando aflição.

No limiar do berço pede a alma dificuldades e chagas, amargores e cicatrizes, entretanto, recapitulando de novo as próprias experiências no plano físico, torna à concha obscura do egoísmo e da vaidade, enquistando-se na mentira e na delinquência.

Aprendiz recusando a lição ou doente abominando o remédio, em quase todas as circunstâncias, o homem persegue a

fuga que lhe adiará indefinidamente as realizações planejadas.

É por isso que na escola da luta vulgar vemos tantas criaturas em trincheiras de ouro, cavando abismos de insânia e flagelação, nos quais se despenham, além do campo material, e tantas inteligências primorosas engodadas na auréola fugaz do poder humano, erguendo para si próprias masmorras de pranto e envilecimento, que as esperam, inflexíveis, transposto o limite traçado na morte.

E é ainda por essa razão que vemos tantos lares, fugindo à benção do trabalho e do sacrifício, à feição de oásis sedutores de imaginária alegria para se converterem amanhã em cubículos de desespero e desilusão, aprisionando os descuidados companheiros que os povoam em teias de loucura e desequilíbrio, na Vida Espiritual.

Valoriza a aflição de hoje, aprendendo com ela a crescer para o bem, que nos burila para a união com Deus, porque o Mestre que te propõe a escutar e seguir, ao invés de facilidades no imediatismo

da Terra, preferiu, para ensinar-nos a verdadeira ascensão, a humildade da Manjedoura, o imposto constante do serviço aos necessitados, a incompreensão dos contemporâneos, a indiferença dos corações mais queridos e o supremo testemunho do amor em plena cruz da morte.

(Ceifa de luz. Ed. FEB. Cap. 27)

O remédio justo

Perguntas, muitas vezes, pela presença dos espíritos guardiões, quando tudo indica que forças contrárias às tuas noções de segurança e conforto comparecem, terríveis, nos caminhos terrestres.

Desastres, provações, enfermidades e flagelos inesperados arrancam-te indagações aflitivas.

Onde os amigos desencarnados que protegem as criaturas?

Como não puderam prevenir certos

transes que te parecem desoladoras calamidades?

Se aspiras, no entanto, a conhecer a atitude moral dos espíritos benfeiteiros, diante dos padecimentos desse matiz, consulta os corações que amam verdadeiramente na Terra.

Ausulta o sentimento das mães devotadas que bendizem com lágrimas as grades do manicômio para os filhos que se desvairaram no vício, de modo a que não se transfiram da loucura à criminalidade confessada.

Ouve os gemidos de amargura suprema dos pais amorosos que entregam os rebentos do próprio sangue no hospital, para que lhes seja amputado esse ou aquele membro do corpo, a fim de que a moléstia corruptora, a que fizeram jus pelos erros do passado, não lhes abrevie a existência.

Escuta as esposas abnegadas, quando compelidas a concordarem chorando com os suplícios do cárcere para os companheiros queridos, evitando-se-lhes

a queda em fossas mais profundas de delinquências.

Perquire o pensamento dos filhos afetuoso, ao carregarem, esmagados de dor, os pais endividados em doenças infectocontagiosas, na direção das casas de isolamento, a fim de que não se convertam em perigo para a comunidade.

Todos eles trocam as frases de carinho e os dedos veludosos pelas palavras e pelas mãos de guardas e enfermeiros, algumas vezes desapiedados e frios, embora continuem mentalmente jungidos aos seres que mais amam, orando e trabalhando para que lhes retornem ao seio.

Quando vejas alguém submetido aos mais duros entraves, não suponhas que esse alguém permaneça no olvido, por parte dos benfeiteiros espirituais que lhe seguem a marcha.

O amor brilha e paira sobre todas as dificuldades, à maneira do sol que paira e brilha sobre todas as nuvens.

Ao invés de revolta e desalento, oferece

paz e esperança ao companheiro que chora, para que, à frente de todo mal, todo o bem prevaleça.

Isso porque onde existem almas sinceras à procura do bem, o sofrimento é sempre o remédio justo da vida para que, junto delas, não suceda o pior.

(Livro da esperança. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 9)

Os que não esperaram

Não é difícil encontrar, entre os nossos irmãos do mundo, aqueles que, embora sofredores, não se catalogam entre os bem-aventurados, aos quais Jesus se referiu.

São companheiros que se voltam contra os obstáculos suscetíveis de ofertar-lhes a preciosa oportunidade de ascensão às mais altas experiências.

Muitos deles se acolhem à rebeldia sistemática, contraindo débitos que os afetam, de imediato.

No plano espiritual, vemo-los frequentemente. São amigos padecentes que, em verdade, passaram pelo crivo do sofrimento, entrando, porém, nas perturbações decorrentes da deserção dos deveres que lhes cabiam cumprir. São irmãos que conheciam o valor dos entraves que poderiam transpor, a benefício de si mesmos, e acabaram situados nas sombras da delinquência. São colaboradores das boas obras que as desfiguraram, estabelecendo dificuldades para si próprios pela intolerância para com os outros. São companheiros que articularam problemas e desafios para aqueles que lhes hipotecavam confiança e carinho e deles se afastaram deliberadamente, procurando escapar às responsabilidades que eles mesmos escolheram para observar e viver. São todos aqueles outros irmãos que preferiram o desespero diante das provações de que necessitavam para o próprio burilamento e se enveredaram, conscientemente, através dos resvaladouros da inconformação e da indisciplina, para as alucinações da angústia e do suicídio.

Realmente, afirmou-nos Jesus: “Bem-aventurados os que choram porque serão consolados...”

Entretanto que Ele mesmo, Jesus, nosso divino Mestre e Senhor, se compadeça de todos os nossos companheiros que conheciam semelhante promessa e não quiseram esperar.

Sabemos todos que a infinita bondade de Deus que nos sustentou ontem, nos sustentará igualmente hoje e, dentro de semelhante convicção, manteremos a certeza de que com Deus venceremos.

(*Convivência. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 3*)

Desespero

Provocações e problemas, habitualmente, são testes de resistência necessários à evolução e aprimoramento da própria vida.

A paciência é a escora íntima que auxilia a criatura a atravessá-los com o proveito

devido.

O desespero, entretanto, é a sobretaxa de sofrimento que a pessoa impõe a si mesma, complicando todos os processos de apoio que a conduziriam à tranquilidade e ao refazimento.

O desespero é comparável a certo tipo de alucinação, estabelecendo as maiores dificuldades para aqueles que o hospedam na própria alma.

Em conflitos domésticos, inspira as vítimas dela a pronunciar frases inoportunas, muitas vezes separando os entes amados, ao invés de uni-los. Nos eventos sociais que demandam prudência e serenidade, suscita a requisição de medidas que prejudicariam a vida comunitária se fossem postas em prática no imediatismo com que são exigidas. Nas reivindicações justas, costuma antecipar declarações e provocar acontecimentos que lhes caberiam atingir. Nas moléstias do corpo físico, por vezes, encoraja o desrespeito pela dosagem dos medicamentos, no doente que precisa da disciplina, em favor da própria cura.

Disse Jesus: “Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados”, mas urge reconhecer que os aflitos inconformados, sempre acomodados com o desespero, acima de tudo, são enfermos que se candidatam a socorro e medicação.

(Hoje. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 12)

Examina a própria aflição³

Examina a própria aflição para que não se converta a tua inquietude em arrasadora tempestade emotiva.

Todas as aflições se caracterizam por tipos e nomes especiais.

A aflição do egoísmo chama-se egolatria.

A aflição do vício chama-se delinquência.

A aflição da agressividade chama-se cólera.

A aflição do crime chama-se remorso.

A aflição do fanatismo chama-se intolerância.

A aflição da fuga chama-se covardia.

A aflição da inveja chama-se despeito.

A aflição da leviandade chama-se insensatez.

A aflição da indisciplina chama-se desordem.

A aflição da brutalidade chama-se violência.

A aflição da preguiça chama-se rebeldia.

A aflição da vaidade chama-se loucura.

A aflição do relaxamento chama-se evasiva.

A aflição da indiferença chama-se desânimo.

A aflição da inutilidade chama-se queixa.

A aflição do ciúme chama-se desespero.

A aflição da impaciência chama-se intemperança.

A aflição da sovinice chama-se miséria.

A aflição da injustiça chama-se

crueldade.

Cada criatura tem a aflição que lhe é própria.

A aflição do reino doméstico e da esfera profissional, do raciocínio e do sentimento...

Os corações unidos ao sumo Bem, contudo, sabem que suportar as aflições menores da estrada é evitar as aflições maiores da vida e, por isso, apenas eles, anônimos heróis da luta cotidiana, conseguem receber e acumular em si mesmos os talentos de amor e paz reservados por Jesus aos sofredores da Terra, quando pronunciou no monte a divina promessa: – “Bem-aventurados os aflitos!”

(*Religião dos espíritos. Ed. FEB. Cap. “Examina a própria aflição”*)

Aflições excedentes

Diante da orientação espírita que te

esclarece, não te afastes da lógica, a fim de que não te gastes sem proveito, embaraçando o orçamento das próprias forças com aborrecimentos inúteis.

Diariamente, batem às portas do Além aqueles que abreviaram a quota do tempo que poderiam desfrutar na Terra, adquirindo problemas da desencarnação prematura.

É que, por toda parte, transitam portadores de aflições excedentes. Não satisfeitos com as responsabilidades que a existência lhes impõe, amontoam cargas de sofrimentos imaginários.

Há os que percebem salário compensador e desregram-se na revolta, porque determinado companheiro lhes tomou a frente no destaque convencional, muitas vezes para sofrer o peso de compromissos que seriam incapazes de suportar.

Há os que dispõem de excelente saúde, com atividades leves nos deveres comuns, arrepelando-se, desgostosos, por verem

adiado o período de férias, quando, com isso, estão sendo desviados de experiências impróprias a que seriam fatalmente impelidos pelo repouso inoportuno.

Há os que possuem recursos materiais suficientes ao próprio conforto e se lastimam, insones, por haverem perdido certo negócio que lhes conferiria maiores vantagens, dentro das quais talvez viessem a conhecer a criminalidade e a loucura.

Há os que colecionam gavetas superlotadas de adornos caros e caem no desespero com a perda de uma joia de uso pessoal, cujo desaparecimento é o meio de situá-los a cavaleiro de possíveis assaltos da cobiça e da violência.

E existem, ainda, aqueles outros que se abastecem no guarda-roupa recheado e gritam contra o costureiro que se desviou do modelo encomendado; os que são donos de casa sólida e adoecem por não conseguirem abatê-la, de pronto, a fim de reconstrui-la segundo novos caprichos; os que se aboletam em automóvel acolhedor, mas inquietam-se por não poderem trocá-

lo, de imediato, pelo carro de último tipo; e os que se sentam à mesa provida de cinco pratos diferentes e encolerizam-se por não encontrarem o quitute predileto.

“Bem-aventurados os aflitos!” — disse Jesus.

Felizes, sim, de todos os que carregam seus fardos com diligência e serenidade, mas estejamos convictos de que toda aflição excedente complica o itinerário da vida e corre por nossa conta.

(*Aulas da vida*. Ed. IDEAL. Cap. 13)

Aflações¹⁴

(*Instrumentos do tempo*. Ed. GEEM. Cap. “Aflações”)¹⁵

Aflitos

(*Mais perto*. Ed. GEEM. Cap. Aflitos)¹⁶

Aflitos bem... aventurados

(*Nascer e renascer*. Ed. GEEM. Cap. “Aflitos bem... aventurados”)¹⁷

Apressados

Em muitas ocasiões, o excesso de prudências pode parecer egoísmo disfarçado.

Entretanto, é justo refletir que a precipitação cria os aflitos sem bem-aventuranças, ou melhor, os amigos superapressados que suscitam complicações e tumultos, tais quais sejam:

os que se dão urgência na transmissão de boatos infelizes, estabelecendo a perturbação e o desequilíbrio;

os que atravessam à frente de veículos em movimento, alegando a necessidade de espaço;

os que surgem ávidos pelo aperitivo, ao qual se habituaram e penetram recintos escuros, acendendo fósforos junto de elementos inflamáveis;

os que improvisam discussões estéreis, com o objetivo de fazerem prevalecer os pontos de vista que lhes são próprios;

e aqueles outros que assumem decisões de importância, sem ouvir os companheiros que lhes compartilham das responsabilidades, abraçando compromissos que passam a prejudicar centenas de pessoas.

Em verdade, proclamou o Cristo:

— “Bem-aventurados os aflitos!...” mas não se deteve em qualquer louvor aos companheiros inquietos e apressados demais.

Cultivando paciência, no cotidiano, transportarás contigo a força capaz de vencer todos os obstáculos que, porventura, te agridam a existência.

(*Joia. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 12*)

Ouvindo o sermão do monte⁶

Bem-aventurados os aflitos, desde que

não convertam a própria dor em azorrague de recriminações sobre a face alheia.

Bem-aventurados os que choram, desde que não transformem as próprias lágrimas em venenosa indução à preguiça.

Bem-aventurados os sedentos de justiça, desde que se abstêm de demandas domésticas ou de querelas nos tribunais, que apenas lhes agravariam os próprios débitos, ante a Lei.

Bem-aventurados os humildes de espírito, desde que não conduzam a própria modéstia ao caminho do orgulho em que se entregarão, desvairados, à crítica desairosa e à condenação sistemática dos companheiros que lhes partilham a senda.

Bem-aventurados os misericordiosos, desde que não façam da compaixão simples peça verbal, para discurso brilhante.

Aflição com revolta chama-se desespero.

Pranto com rebeldia é poço de fel.

Sede de justiça, com reivindicações apressadas, é destrutiva exigência.

Singeleza com reproches à conduta alheia
é sistema de crueldade.

Misericórdia sem esforço de auxílio é
simples ornamento na boca.

Cogitemos de assinalar as bem-aventuranças divinas, sem nos esquecermos, porém, de que todas elas traduzem atitudes da consciência e gestos do coração, porque só no coração e na consciência é que se fundamentam os alicerces do glorioso reino de Deus.

(*Reformador*, dez. 1959, p. 284)

Não te aflijas^{**}

Não te aflijas, diante do quadro de lutas que te arrebatam ao torvelinho das provas inevitáveis, porque a inquietação destrutiva nada constrói em benefício dos semelhantes.

Por ocasião do incêndio, não é a precipitação que salva ou retifica e nem apagaremos o fogo crepitante, atirando-lhe

combustível.

De qualquer modo, numa esfera de ação, qual a terrena, em que os bons sentimentos são luzes vacilantes e obras incompletas, seremos defrontados, diariamente, pelo raios mortíferos da desarmonia, da cólera, da intemperança e da crueldade; entretanto, a fim de que nos convertamos em recursos vivos de educação para os elementos que nos rodeiam, é imprescindível o aprendizado da serenidade e do silêncio, de modo a reajustarmos, com calma, as inseguras edificações humanas que a tempestade prejudicou.

Ante a convulsão do verbo desvairado, cala-te e espera.

Ante a violência arrasadora, emudece-te e aguarda a passagem das horas.

Ante o movimento inesperado das intenções menos dignas ou do ataque indébito, cala-te, ainda, e conta com o tempo.

Se aproveitas a dificuldade e a dor, a sombra e a deficiência, por sagradas

oportunidades de auxiliar os teus irmãos, encontrarás no desdobramento de tua cooperação a resposta a todos os problemas que te atormentam a alma.

Quando Jesus proclamou a bem-aventurança aos aflitos, não se reportava aos espíritos insubordinados e impacientes, que elegem o desespero e a indisciplina por normas regulares de reação; referia-se, antes de tudo, aos que se acham aflitos por ajudarem o engrandecimento coletivo, por se converterem realmente à luz eterna, por se consagrarem à caridade e, acima de tudo, por se dominarem, transformando-se em veículos de manifestação da vontade do Senhor.

Assim, pois, se te inquietas pelas construções do Bem eterno, permaneces credenciado à bem-aventurança divina que, efetivamente, é muito difícil de alcançar.

(*Reformador*, jan. 1952, p. 14)

Nem todos os aflitos²⁰

A aflição é um desafio que poucos suportam, lição que raros aprendem e tesouro que não se recebe facilmente.

Depois de regulares períodos de paz e ordem, a alma é visitada pela aflição que, em nome da Sabedoria divina, lhe afere os valores e conquistas.

Raros, porém, são aqueles que a recebem dignamente.

O impulsivo, quase sempre, converte-a em crime ou falta grave.

O impaciente faz dela a escura paisagem do desespero, onde perde as melhores oportunidades de servir.

O triste desvaloriza-lhe as sugestões e dorme sobre as probabilidades de autossuperação, em longas e pesadas horas de choro e desânimo.

O ingrato transforma-a em calhaus com que apedreja o nome e o serviço de companheiros e vizinhos.

O indiferente foge-lhe aos avisos como quem escapa impensadamente da

orientadora que lhe renovaria os destinos.

O leviano esquece-lhe os ensinamentos e perde o ensejo de elevar-se, por sua influência, a planos mais altos.

O espírito prudente, contudo, recebe a aflição como o oleiro que encontra no fogo o único recurso para imprimir solidez e beleza ao vaso que o gênio idealiza.

Se a tempestade purifica e se o fel,
66 Destacadores por vezes, é o exclusivo medicamento da cura, a aflição é a porta de acesso ao engrandecimento espiritual.

Só aquele que a recebe por instrumento de perfeição consegue extraí-la as preciosidades divinas. É por isso que nem todos os aflitos podem ser bem-aventurados, de vez que, somente aproveitando a dor para a materialização consistente de nossos ideais e de nossos sonhos, é que podemos atingir a divina alegria da esperança vitoriosa, na criação sublime de aprimoramento eterno, a que todos somos chamados pela vida comum, nas lutas de cada dia.

(*Reformador*, jun. 1954, p. 143)

No estudo da aflição

(*Reconforto*. Ed. GEEM. Cap. 17)²¹

¹³ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Paz e libertação*. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 13.

¹⁴ Nota da equipe organizadora: Este comentário pode também ser vinculado a LC 6:21, uma vez que tanto MT 5:4 quanto LC 6:21 registram a bem aventurança aos aflitos ou "que pranteiam", "que derramam lágrimas". A Tabela de correspondência de versículos, ao final deste volume, registra todos os comentários dessa natureza e as respectivas vinculações alternativas.

¹⁵ Vide nota 9, p. 27

¹⁶ Vide nota 9, p. 27

¹⁷ Vide nota 9, p. 27

¹⁸ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Refúgio*. Ed. IDEAL. Cap. "Ouvindo o sermão do monte", com alterações.

¹⁹ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Reconforto*. Ed. GEEM. Cap. 6, com pequenas alterações.

²⁰ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Reconforto*. Ed. GEEM. Cap. 7, com alterações.

²¹ Vide nota 9 p. 27.